TRABALHADORES E INDUSTRIALIZAÇÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR (2000-2010): O SENTIDO DO TRABALHO E O COTIDIANO DA FÁBRICA.

Fagner Guglielmi[1]

RESUMO: Este artigo objetiva expor alguns resultados alcançados a partir de uma investigação sobre os modos de se viver e trabalhar dos trabalhadores da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR entre os anos de 2000-2010. Esta última década marcou o fortalecimento da atividade industrial neste município. Um frigorífico com a capacidade de abater mais de cem mil frangos diários se instalou no ano de 2005. A fábrica de desmonte dos frangos completou a tríade do setor alimentício em Marechal Cândido Rondon-PR: Fábrica de Biscoitos FAVILLE (1999); Indústria de Beneficiamento do Leite FRIMESA (1989) e Unidade Industrial de Aves COPAGRIL (2005). Inúmeros trabalhadores da região experimentaram a condição operária em pelo menos uma dessas empresas durante esse tempo. Marcados pelo recente e acelerado processo de industrialização, os trabalhadores atribuíram sentidos do trabalho diante a experiência operária em contraposição à organização do trabalho industrial nesta cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadores; Trabalho Industrial; Industrialização.

1. Apresentação:

> **Os que moram d'outro lado do muro nunca vão saber o que se passa no subúrbio, o que se passa no subúrbio [...] Se arrumar um emprego não lhe dão dignidade, apesar do sujo macacão e do rosto suado. (Garotos Podres)**

No extremo oeste paranaense, Marechal Cândido Rondon-PR é um município de aproximadamente 40 mil habitantes com características de uma cidade industrial. Árvores recobrem as principais ruas e avenidas, casas suntuosas decoram a região central, bicicletas realizam um intenso vaivém frenético nas ciclovias que ligam o centro aos bairros operários da cidade. Seguindo alguns poucos quilômetros dali, da região central, no fim de uma das principais avenidas da cidade, há pelo menos três indústrias do setor alimentício: Unidade Industrial de Aves COPAGRIL (2005); Indústria de Beneficiamento do leite FRIMESA (1989); Fábrica de Biscoitos FAVILLE (1999). Três referências incontestáveis da paisagem local, de onde provêm expectativas de emprego incrustadas de intensa rotatividade, absenteísmo e doenças ocupacionais dos operários que ali trabalham. Perda de condições de trabalho e de vida, perda de habilidades profissionais e saberes laborais parecem ser o resultado ascendente de intensificação, degradação e precarização do trabalho (BOSI, VARUSSA; 2006).

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: fagnerguglielmipereira@gmail.com

Do outro lado da cidade, seguindo a Avenida Maripá de encontro a PR 163, rumo ao estado do Mato Grosso do Sul, encontram-se casas mais modestas, um número incomum de motocicletas e carros velhos, além da insuficiência de iluminação pública e pavimentação nas ruas. Bairros tais como, Botafogo, Higienópolis, Barcelona, Augusto I e II, Primavera[2], acolhem operários como André, Aline, Ricardo, Ana Maria, Fernanda, Luíza e Leandro[3], trabalhadores marcados pela dinâmica contraditória do processo de industrialização recente em Marechal Cândido Rondon-PR (2000-2010). Homens e Mulheres que alimentam cotidianamente uma percepção negativa em relação ao trabalho executado na fábrica. As experiências compartilhadas e vividas por eles informam identidades de classe diante da contradição de dois mundos contrastados.

Estes trabalhadores atribuem um sentido que contrapõe os significados construídos pela classe dominante da cidade. Eles constituíram diante das pressões e limitações de modos de vida, uma percepção comum de sua condição de classe frente ao processo de fortalecimento industrial. Estar do lado de lá da Avenida, não condiz com as expectativas de um progresso econômico anunciado pelos setores dominantes da cidade (GUGLIELMI; 2011). Cortar frangos, empilhar caixas de biscoitos ou transformar o leite em derivados industrializados são ocupações que raramente superam o salário mínimo quando se leva em consideração os descontos de alimentação, condução e contribuição sindical. Além disso, eles vivem um modo de vida característico da condição operária no extremo oeste paranaense. Alguns termos utilizados para exaltar esse processo, tais como "desenvolvimento", "progresso", "crescimento", são logo percebidos pelos operários como "exploração", "rebaixamento" e "subordinação". Neste sentido, me refiro aos sentidos e significados construídos coletivamente pelos trabalhadores a partir de suas experiências de vida. Informados pela experiência operária e por trajetórias de vida semelhantes, os trabalhadores atribuem sentidos comuns ao trabalho vivenciado nas fábricas de Marechal Cândido Rondon-PR.

2. A experiência operária: trabalhadores e o cotidiano da fábrica

André tem 25 anos, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR e passou por várias experiências de emprego nesta cidade. André, desde muito jovem, participou de idas e vindas com sua família em busca de emprego ou de uma relativa autonomia financeira. No interior de Toledo-PR, Vila Ipiranga, seu pai inaugurou uma pequena oficina mecânica onde a família trabalhava em função do pequeno negócio. Ao fechar a oficina mecânica e, logo em seguida, com a morte de sua mãe, a família se dissolveu. André se deslocou para Marechal Cândido Rondon-PR em constante luta pela sobrevivência. Trabalhou em indústria de macarrão, indústria de roupas, como pintor, ajudante de lavar carros, ajudante de pedreiro etc. Todas essas ocupações, que serviram como meio de sobrevivência para André, contrastam contraditoriamente com os valores do trabalho adquiridos na convivência com seu pai, mecânico de automóveis. Diante da sua intensa trajetória de trabalho, em poucos anos, André já havia trabalhado em várias ocupações. Quase sempre a sua saída do emprego se relacionava à baixa remuneração e à falta de expectativa com o trabalho.

Em 2007, André, mais uma vez em busca por emprego, espalhou currículos pela cidade enquanto trabalhava de ajudante de pedreiro. Dentre as possibilidades, as maiores expectativas de se empregar com "carteira assinada" foram reduzidas, especialmente, a três

[2]Trabalho de campo 23-10-2010, quando fiz parte do Projeto Institucional de Bolsa e Incentivo à Docência – PIBID em História, sob orientação da Prof. Drª Aparecida Darc de Souza.
[3] Utilizei pseudônimos a pedido dos trabalhadores.

empresas: indústria de biscoitos FAVILLE, indústria de beneficiamento do leite FRIMESA e Unidade de aves COPAGRIL.

Todas as três empresas destacadas por André como possibilidade de se empregar, são empresas alimentícias da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Não é por acaso as expectativas de André com relação ao emprego formal o direcionou para tais ocupações. Boa parte dos empregos disponibilizados nesta cidade é fruto de um intenso fluxo entre desligamentos e admissões de trabalhadores, além, é claro, das empresas alimentícias deterem parte significativa dos empregos formais da cidade. Empregar-se neste setor não é tarefa difícil. No entanto, os postos de trabalho são preenchidos diante de falsas promessas relacionadas à boa remuneração e "oportunidades" profissionais que não se realizam. A decepção de André diante o que foi prometido, é representativa da grande maioria dos trabalhadores que esperam concretizar sonhos através do trabalho na indústria.

> [...] trabalhar, para ter conhecimento assim e ir para frente sabe? Crescer na vida. E o pessoal, assim, como se quisesse **rebaixar o cara**. Chegasse lá e dissesse você vai ser só isso e nada mais que isso, entendeu? Eles falam assim: "Lá você tem garantia de futuro, você pode crescer, pode ir para o escritório, mudar alguém" sabe? Falaram que a gente ia aprender curso e tal. Na verdade, isso é muito difícil de acontecer. [4] Grifo nosso

As promessas de "crescimento" profissional foram reproduzidas por propagandas positivas, em função do fortalecimento industrial, e depreciativas, em relação aqueles que não suportam mais a intensificação do trabalho, o baixo salário e os descontos na alimentação no fim do mês. Para André, o trabalho que executava na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL não corresponde aos significados e aos valores do trabalho divulgado pelos industriais. André compreende que não há possibilidade de autonomia em seu trabalho. Ao destacar que eles "só rebaixam o cara", minimamente contesta sua condição de classe. André compreende que o argumento de "crescimento" individual "é muito difícil acontecer" e entende que esse discurso é enganoso.

Fernanda tem 29 anos, nasceu em Cascavel-PR e foi para Curitiba-PR aos dezoito anos de idade em busca de emprego. Em Curitiba-PR, Fernanda se casou e teve uma filha. No ano de 2010, foi para Foz do Iguaçu-PR, e mudou-se, no mesmo ano, para Marechal Cândido Rondon-PR. Fernanda já trabalhou em algumas empresas antes de trabalhar na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Trabalhou na fábrica de bolas KAGIVA e em Pizzarias desta cidade. A experiência de trabalho na Unidade Industrial de aves COPAGRIL foi rápida, apenas 45 dias, mas foi necessária para compreender que aquele trabalho não é nada compensador.

> [...] quando a gente começa assim "aí é que o salário é muito bom!" "Aí que você vai ganhar bem!" aí você vai fazer. **Você experimenta lá pra ver né, quando você chega não é nada disso!** Porque você só trabalha. Trabalha dá o de você lá dentro pra desencardir o que tá encardido e deixar tudo OK lá dentro né? E o **salário vira em desconto!** É vale transporte né? É

[4]**André**, solteiro, 25 anos, trabalhador autônomo, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalhou de mecânico, pedreiro, ajudante de lavar carros, fábrica de móveis, e por sete meses trabalhou na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20 de março de 2011 em Marechal Cândido Rondon-PR.

> alimentação é isso aí não sobra nada! Do que falam e realmente vai ser! [5] Grifo nosso

Assim como André, Fernanda também apontou para a contradição "do que falam e o que realmente é" a respeito do trabalho nas indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR. De acordo com a experiência de trabalho de Fernanda, percebe-se uma decepção clara ante os significados positivos divulgados como um trabalho que se "ganha bem!". Fernanda identificou rapidamente a contradição entre as propagandas que faziam do frigorífico e as implicações reais deste trabalho para sua vida.

Os descontos nos salários consistem na expressão da exploração deste setor empresarial, desconta-se do salário mínimo dos trabalhadores o transporte que os conduz à fábrica e a alimentação, restando-lhes muito pouco. Conforme as reflexões de Marx sobre a exploração do trabalho na sociedade capitalista, pode-se identificar um conjunto de implicações imbricada na experiência de trabalho dos trabalhadores que confirmam a relevância de seus estudos. Segundo Marx, a "mais valia" é a diferença entre o salário pago para o trabalhador reproduzir sua força de trabalho e a produção a partir de sua jornada de trabalho (MARX; 1987, pág. 173-176). No caso dos operários em Marechal Cândido Rondon-PR, reproduzir a força de trabalho nem sempre tem sido algo inerente do trabalho industrial neste município. Os baixos salários e as doenças acometidas em ambiente fabril têm mutilado um numeroso operariado.

Fernanda é exemplo de um operário que não se adaptou ao ritmo da fábrica, com o ambiente gelado e com as exigências dos chefes da linha de produção. Fernanda trabalhou um mês e quinze dias no setor de desossa na Unidade Industrial de aves COPAGRIL. Em 2010 pediu demissão. Retornou no mesmo ano para trabalhar no setor da limpeza. O retorno à Cooperativa de Aves COPAGRIL revela a falta de opções de se empregar nesta cidade. Por outro lado, o trabalho informal tem se tornado uma saída para estes trabalhadores, pois, mesmo que precarizado, é menos despótico que o ritmo de trabalho das indústrias de alimentos. Após a breve passagem de Fernanda no emprego na fábrica, ela foi trabalhar em uma Pizzaria da cidade, um trabalho informal em que não há descontos salariais, mas que a isenta de todos os seus direitos trabalhistas.

Segundo as reflexões de Marcelo Carvalhal, Marechal Cândido Rondon-PR se insere na contracorrente de uma tendência nacional, pois a região tem registrado, nesta última década, um crescimento favorável aos empregos formais, especialmente aos ligados à indústria. No entanto, também é possível identificar, conforme a experiência dos que vivenciaram este trabalho, ampla rejeição dos trabalhadores em relação aos empregos formais disponibilizados.

> Então. Eu vou falar uma coisa pra você, **eu não quero mais trabalhar em fábrica assim não!** Emprego assim [...] Há, você não acostuma! Minha tia falou: "aí vai abrir um frigorífico de porco, põe currículo lá!" aí eu falei: "mas eu quero é ficar longe desse negócio" (risos) quero passar bem longe. Não vixi, tem que trabalhar numa coisa que você sabe fazer né? Que você acostuma, vai pegando o jeito.[6] Grifo nosso

---

[5]**Fernanda**, solteira, 29 anos, desempregada, nasceu em Cascavel-PR, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2008. Trabalhou de garçonete, auxiliar de cozinha, fábrica de Bolas KAGIVA e Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Trabalhou 45 dias na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Alecrim no bairro Higienópolis em Marechal Cândido Rondon-PR.

[6]Fernanda, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 11 de fevereiro de 2011.

Fernanda revela a característica dos operários em negar o trabalho precário que lhes é oferecido. A constituição de um perfil de força de trabalho contestador tem despertado preocupação nos industriais da cidade. Segundo matéria divulgada em "O Presente" em março de 2011, o presidente da ACIMACAR[7] sugere mudanças para os problemas encontrado pelos industriais referentes a permanência da força de trabalho nas indústrias.

> É preciso mudanças nas empresas, o que enxerga como oxigenação, oportunidade de novos fôlegos, ideias e intenções. Porém, colocando na balança, avalia que a **rotatividade tem mais ônus do que bônus.** Para a presidente da Acimacar, quando os funcionários buscam melhorias de emprego também pode haver equívocos, pois muitas empresas oferecem oportunidade de crescimento interno. "**As oportunidades acontecem também dentro das empresas***, muitas têm formação de planos de cargos e salários para que, com a permanência, os* **bons funcionários alcancem outros degraus***"* finaliza. [8] Grifo nosso

A matéria do jornal reproduz exatamente as expectativas que impulsionaram, e, por conseguinte, frustraram tanto André quanto Fernanda. Neste trecho do jornal, o presidente da ACIMACAR reforça a propaganda de "crescimento" profissional para "alcançar outros degraus" o que, para trabalhadores como André e Fernanda, que experimentaram a condição operária em Marechal Cândido Rondon-PR, "isso é muito difícil de acontecer". A disputa presente no confronto entre a imagem positiva da atividade industrial e os sentidos do trabalho para os trabalhadores são, sobretudo, sínteses de um processo de industrialização recente e conflituoso.

A classe trabalhadora que constitui esse novo perfil de força de trabalho das indústrias tem se mostrado menos paciente em relação ao trabalho que executam. O absenteísmo tem se tornado, por vezes, um recurso comum dos trabalhadores dessas ocupações.

> [...] você faltava um minuto, dez segundos, eles te cobravam, agora, para você receber deles uma hora, meia hora ou dez minutos, nossa, você tinha que fazer. Ai por causa disso o pessoal começou a se irritar. Pensou, "vamos trabalhar para que no sábado e no domingo se os caras não estão pagando mais?" **O pessoal começou a mudar de ideia, começou a se unir, o pessoal mesmo lá dentro começou a se unir contra os chefes** e não vinha trabalhar nos sábados e domingos. Teve dias que eles não conseguiam pessoal, vinha material, vinha frango para abater, mas **tiveram que deixar parado lá dois dias. Isso porque não tinha gente para trabalhar**, pisavam nos que não tinham vindo, até com dar a conta e tal, varias coisas. Era bem complicado.[9]

André, acima, relata sobre a insatisfação de um grupo de operários com o trabalho nos fins de semana. Identifica, sobretudo, um ambiente de trabalho tenso que privilegia especialmente a produção. André ressalta o conflito entre os operários e os chefes. Os minutos de vida "cobrados" pelos chefes, os trabalhos no fim de semana alimentou um sentimento de indignação comum dos operários contra a exploração dos chefes. André se refere aos frangos parados "tiveram que deixar parado lá dois dias". Dois dias sem abater (sábado e domingo) o frango, ele se estressa na gaiola, perde peso, alguns chegam a morrer devido o calor, tudo isso

[7]ACIMACAR - Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Marechal Cândido Rondon-PR.
[8] O PRESENTE. "Empresas enfrentam rotatividade de mão de obra" 11 de março de 2011, p. 10.
[9]André, 25 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20 de março de 2011.

prejudica a produção. Prejudicar a produção para folgar no fim de semana caracterizou um dos momentos mais marcantes para André. O ato conjunto de alguns operários representou o "troco" pelos minutos injustamente cobrados pelos chefes, mesmo sob o risco de "até dar a conta e tal, várias coisas".

Os sentidos deste trabalho vivenciado pelos trabalhadores, que acompanham o processo de intensificação no trabalho de perto, seguindo uma tendência nacional de intensificação do trabalho (BOSI; 2011), são frequentemente negativos. O esforço dos trabalhadores em estabelecer conexão entre o trabalho e suas próprias vidas é, sobretudo, a desconsideração ou a negação do trabalho nas indústrias enquanto relação humana. O oposto disto, e sem muito esforço, é perceptível quando se analisa a experiência de trabalho daqueles que são diretamente atingidos pelo processo industrial recente.

> Olha a minha vida sempre foi sofrida. Mas quando eu entrei lá eu imaginava assim uma coisa diferente. Depois que eu entrei lá é que eu vi que era totalmente diferente. **Se me perguntasse se eu quisesse voltar pra lá com um salário melhor eu não faria isso** (risos)... Eu não faria isso![...] **você tem hora para entrar, mas não tem hora pra sair!**[10]

Ana Maria tem 29 anos, trabalhou um ano e três meses na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrou no frigorífico em 27 de outubro de 2005 e saiu em 29 de Março de 2007. Assim como André e Fernanda, Ana Maria entrou para trabalhar no frigorífico com expectativas que, ao longo do tempo, foram frustradas. Ana Maria é amapaense e veio para Marechal Cândido Rondon-PR em busca de trabalho. Filha de trabalhadores, Ana Maria adquiriu doenças nas mãos, devido aos movimentos rápidos que executava na linha de produção, e nos olhos, por causa do frio no ambiente de trabalho. Lembra-se negativamente de sua experiência de trabalho na fábrica. Ana Maria recorda-se que, com frequência, a jornada de trabalho era alongada para garantir a produção do turno (cerca de 90 mil frangos). Indignada com a exploração sofrida, Ana Maria destaca "você tem hora para entrar, mas não tem hora para sair".

Diante isto, Ana Maria identifica um ponto importante. Não é apenas o salário, embora seja um dos principais problemas identificado pelos trabalhadores em relação à exploração do trabalho industrial, que determina os desligamentos dos trabalhadores. Pode-se dizer que o trabalho industrial, além de mal remunerado, é um local onde eclodem tensões e conflitos fundamentalmente gerados pela hierarquia fabril, bem como pelo despotismo social imposto pela organização do trabalho industrial. Como identificado por Robert Linhart em *Greve na fábrica*, o ritmo fabril é hostil e condicionado por uma pragmática hierarquia no ambiente de trabalho. Linhart ao trabalhar um ano e três meses numa fábrica de automóveis na França descreve sua percepção do trabalho na indústria. Muito daquilo que Linhart identificou em sua experiência é percebido pelos trabalhadores das indústrias de alimentos.

> Eles se sentem vigiados, na verdade a pessoa se sente. Na verdade se hoje ela faz 3.2, você vai vigiar ela vai continuar fazendo, mas tem muitas pessoas que ela faz 3.2, mas se a pessoa não é vigiada ela acaba não fazendo isso daí. A reação dela é diferente, **se você para nela e vai marcar a reação dela é diferente, ela tem uma reação**. Ela acaba fazendo certinha, mas no momento que a pessoa até ela não tá mais cronometrando ela acaba.

[10] **Ana Maria**, casada, 29 anos, dona de casa, amapaense, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2000. Trabalhou na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL um ano e cinco meses. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Paraná do loteamento Florença em Marechal Cândido Rondon-PR.

> Normalmente eles vão falar que a faca tá sem fio. Essa parte é ruim de cobra, porque você vai dizer pra pessoa, **não tem que desossar a 3.2, não pode também porque a faca não tem fio. Ela se irrita. Tem muitas pessoas que já vem num clima estressante né?** Na hora que tão desossando bem, você chama a atenção, que elas acabam executando o serviço certo. [11]

Ricardo tem 26 anos, nasceu em Raul Gonzales no Rio Grande do Sul e aos dezoito anos trabalhou em uma metalúrgica nesta mesma cidade. Chegou a Marechal Cândido Rondon-PR em 2002 sob influências de familiares. Ricardo se deslocou do Rio Grande Sul em busca de trabalho. Seus pais moram no campo. Ao recordar do lugar onde nasceu e viveu durante dezoito anos de sua vida, Ricardo recorda que era um lugar bom para se viver, porém pouco industrializado.

Esse jovem trabalhador se ocupou de alguns empregos informais até começar a trabalhar em uma transportadora no ano de 2004. Na transportadora, Ricardo trabalhou por dezenove meses. Em agosto de 2005, Ricardo entrou para trabalhar na Unidade de Aves COPAGRIL. A princípio, o rapaz não queria entrar na Unidade de aves COPAGRIL por já ter tido uma experiência com a atividade industrial no Rio Grande do Sul. Ele foi incentivado pelas "oportunidades" que poderiam ser oferecidas, tendo em vista que o frigorífico foi implantado em 2005 sob muitas promessas. Por ser uma indústria recentemente instalada "aí o pessoal me falou, hoje é melhor começar em uma indústria que está começando". Com este objetivo, Ricardo começou a trabalhar na Unidade de Aves COPAGRIL. Trabalhou lixando facas, fase que antecede a afiação das facas para a desossa das coxas do frango. Logo nos primeiros dias, suas expectativas com as "oportunidades" que poderiam ser oferecidas foram lhe diminuindo: "daí nos primeiros dias que eu entrei lá, eu trabalhei na parte da produção que era de... de você lixar faca. [...] o meu pensamento era que de lá eu não saia mais ... de ficar um ano e sair". A primeira impressão de Ricardo foi negativa em relação ao trabalho que executava. Ricardo pensava que não sairia mais da condição frenética de lixador de facas. Pensou em ficar um ano até conseguir um novo emprego e poder, então, se livrar do trabalho no frigorífico.

Ricardo trabalhou um tempo depois no setor da produção onde acontece a preparação do fio das facas para o setor da sala de cortes. Depois de algum tempo, fez um exame que continha perguntas de conhecimentos técnicos para uma promoção. Este exame disponibilizava vagas para trabalhar no setor de Planejamento e Controle de Produção (PCP). O PCP, até então, não existia no interior da fábrica. A partir de fins de 2005 e início de 2006, formou-se um departamento exclusivo para planejar, controlar e explorar ainda mais a força de trabalho dos trabalhadores, no qual Ricardo foi "aprovado" para trabalhar. Após entrar no setor de Planejamento e Controle da Produção, Ricardo aprendeu, em sua totalidade, os procedimentos da produção do frigorífico. Foi essencial a adaptação e o conhecimento técnico da produção para que Ricardo permanecesse no Planejamento do Controle da Produção.

> Você ganha um "reloginho" para controlar o horário do povo. Tem o "reloginho", pra controlar o horário que entra e que sai. Daí tem o outro que é o encarregado do líder, ele tem uma faixinha no braço. Daí só ele pode ligar a maquina, desligar a maquina. O que tem uma faixinha assim no braço. Ai o outro que manda nele já tem duas faixinhas no braço. E o que

[11]**Ricardo**, solteiro, 26 anos, operário, nasceu em Raul Gonzales no Rio Grande do Sul. Trabalhou na roça, indústria metalúrgica, transportadora e Unidade Industrial COPAGRIL onde trabalha no Planejamento de Controle de Produção. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 10 de fevereiro de 2011 em Marechal Cândido Rondon-PR. Reside junto com André.

> manda em tudo tem três faixinhas no braço. **Toda hora eles ficam com aquele "reloginho" controlando o povo.** Foi no banheiro? São cinco minutos, tem que subir as escadas e não pode passar. Se passar você já ganha lá um termo de orientação. **É por isso que a gente fala "reloginho". "Ganhou um reloginho, tem o poder".** [12]

Aline tem 26 anos e há dois anos trabalha na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Assim como Ricardo, ela faz parte de um setor na indústria responsável pela fiscalização da produção. Diferente de Ricardo, Aline teve maior experiência com o trabalho na produção. Aline ingressou na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL trabalhando na desossa de coxas do frango, sua experiência com essa função durou aproximadamente um ano. No relato acima, Aline aponta para a relação hierárquica no interior da fábrica. Esta relação é percebida pela trabalhadora como uma relação de "quem tem o reloginho, tem o poder", exemplificando o ambiente controlador e punitivo das relações de trabalho desta empresa.

3. Conclusão

As implicações do ritmo de trabalho foram intensamente sentidas por trabalhadores com quem tive oportunidade de conversar, como Ana Maria, amapaense e filha de trabalhadores. Ana Maria resolveu trabalhar na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL a partir de 2005. Ela não se adaptou ao ritmo intenso do trabalho. As madrugadas frias de viagem no ônibus, as noites mal dormidas, deixar o lar nas horas em que pessoas "normais ficam em casa", características de um modo de vida estranhado por ela. Ana Maria adquiriu doenças nos olhos e nas mãos depois de praticamente dois anos de dedicação na linha de desossa de coxa. Ao declarar que "você tem hora para entrar, mas não tem hora para sair", identifica a substituição da vida social pelo ritmo da produção. Ana Maria aparentemente aprendeu este jargão com base na experiência compartilhada com os operários do mesmo setor, o que indica uma concepção comum da condição da classe operária em Marechal Cândido Rondon-PR. André, outro protagonista de nosso trabalho, garantiu que não há possibilidade de se "crescer" individualmente em um ambiente extremamente conflituoso, "onde os chefes só querem rebaixar o cara".

Os sentidos identificados pelos trabalhadores são construídos a partir do modo de levar e organizar suas vidas. Isto se torna mais evidente quando se observa a percepção de Leandro ao relatar as escalas "apertadas" na fábrica de beneficiamento do leite FRIMESA, em que os operários "trabalham cinco dias e folga um [...] Pra sempre terem os funcionários lá e produzir [...] a vaca nunca para de dar leite", ou Fernanda que identifica sua condição de classe ao destacar que "Eles querem desossar você em vez do frango". Neste caso, nota-se que a organização social dos operários é, em grande medida, informado pela organização do trabalho na fábrica. Leandro, folga numa escala de cinco por um. Esta escala alterna o dia de folga conforme vai passando as semanas. Somente num conjunto de quarenta e cinco dias, seguindo esta escala, trabalhadores como Leandro recebem folgas no fim de semana. Organizar sua vida fora do ambiente fabril é uma tarefa difícil, "enquanto o pessoal sai você tem que trabalhar, quando você tá de folga o pessoal tá trabalhando", afirma Leandro.

---

[12] **Aline**, casada, 26 anos, operária, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalha no setor de Sistema de Inspeção Federal da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 06 de Março de 2011 na Avenida Maripá, bairro Botafogo em Marechal Cândido Rondon-PR.

Cabe destacar que o emprego oferecido pelas indústrias tem sido considerado pelos operários como uma ocupação imediata. Quando a recusa do trabalho industrial não é imediata, as doenças acabam surpreendendo trabalhadores como Ana Maria. Das onze entrevistas realizadas com os operários durante os dois anos de esforço de pesquisa, somente duas delas apontaram trajetórias de trabalho que superam três anos seguidos de trabalho na indústria. O baixo salário, as doenças acometidas e a falta de tempo para organizar uma vida "alternativa" ao despotismo fabril, desmistificam a compreensão de que o processo de fortalecimento industrial em Marechal Cândido Rondon-PR é próspero para todos que participam dele. Vale dizer, por fim, que o projeto de industrialização em Marechal Cândido Rondon-PR é conflituoso e tem marcado contraditoriamente o modo de vida de trabalhadores com Aline, André, Ana Maria, Fernanda, Leandro, Luíza e Leandro, homens e mulheres que moram "do outro lado do muro" do suposto progresso econômico da atividade industrial no oeste paranaense.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. P. **Precarização e Intensificaçào do trabalho no Brasil recente: ensaios sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000).** Cascavel, Edunioeste, 2011, 130p.

BOSI, Antonio e VARUSSA, Rinaldo J.. "Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná: trajetórias de pesquisa", in: ALMEIDA, Paulo ET all. **História Poder e Práticas Sociais.** Cascavel: Edunioeste, 2006

CARVALHAL, M.D.. "O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital". In **Revista Pegada**. N.1, v. 18, Presente Prudente: UNESP, 2007, p.77-100

COSTA, Gilvana. "O 'desenvolvimento'dos Arranjos Produtivos Locais (APRL's) na região Oeste do Paraná". **In: Anais Eletrônicos: VIII Semana Acadêmica de História: História e revoluções no mundo contemporâneo**. Marechal Cândido Rondon-PR: 2011.

DIAS, Edmundo Fernandes.. "Reestruturação Produtiva: forma atual da luta de classes". In: **Revista Outubro**, São Paulo, nº3, p. 45-52, 2006.

ENGELS, F. MARX, K. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Boitempo, 2010.

GUGLIELMI, Fagner. "A experiência operária: jovens trabalhadores universitários do setor agroindustrial de Marechal Cândido Rondon-PR. In: **Anais eletrônicos: II Simpósio Cultura, trabalho e poder: O ofício do Historiador**, 2010.

GUGLIELMI, Fagner. **Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em Marechal Cândido Rondon-PR (2000-2010)**. 2011. 59 f. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

LINHART, R.. **Greve na fábrica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. **O Capital.** 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MILLS, Wright. **A nova classe média**. 2.ed., Rio de Janeiro : Zahar, 1976. 380p.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** 3 Volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VARUSSA, R. J.. "Industrialização, trabalhadores e justiça do trabalho (década de 1990): algumas considerações". In: **Tempo da Ciência**. Toledo: Edunioeste, 2006.